



Opinião

M. Graça Carvalho

O papel da cultura reconhecido no programa-quadro da ciência e inovação

Os setores cultural e criativo, por natureza dependentes de público, têm sido particularmente penalizados pela pandemia de covid-19. O primeiro impacto é sentido diretamente pelos profissionais destas áreas, que atravessam dias de grande incerteza. Mas, não tenhamos dúvidas, todos nós saímos a perder com a presente situação.

A cultura é uma fonte de prazer, de enriquecimento espiritual, de harmonia. Reforça o nosso sentimento de pertença às diferentes comunidades em que nos inserimos. Ajuda a combater radicalismos e populismos e a preservar a memória dos bons e maus acontecimentos do passado. Além de tudo isto, é uma inesgotável fonte de inspiração para todas as outras áreas do saber, da filosofia à matemática, e para todos os setores, da moda à alta tecnologia, contribuindo ainda de forma decisiva para a economia e para o emprego.

Por isso, foi para mim uma alegria termos esse carácter essencial e transversal da cultura e da criatividade reconhecido no programa-quadro da Ciência e Inovação Horizonte Europa, no qual, pela primeira vez, esta passa a fazer parte de uma rubrica própria, intitulada “Sociedade Inclusiva e Criativa”, à qual foram alocados 1250 milhões de euros do quadro financeiro plurianual da União Europeia (ou 1% do Horizonte Europa), os quais serão ainda reforçados através de outros

instrumentos, podendo ultrapassar os 2000 milhões no total.

Para se ter uma ideia do enorme salto que isto representa em termos de investimento, de acordo com dados da Comissão Europeia, no anterior programa-quadro, o Horizonte 2020, foram aplicados cerca de 500 milhões de euros em projetos de investigação ligados a estas áreas, provenientes de diferentes vetores, mas genericamente agrupados na categoria de “herança cultural”.

O novo programa será muito mais abrangente, mais bem financiado e, não menos importante, procurará ter uma visão e uma estratégia integradas para todas as vertentes da cultura e da criatividade.

O Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia, parte do Horizonte Europa, e de cuja agenda estratégica fui relatora pelo Parlamento Europeu, passará também, já a partir de 2022, a ter uma nova Comunidade de Inovação e Conhecimento dedicada aos setores cultural e criativo.

Em que é que estes fundos e iniciativas se irão refletir em termos práticos? Em projetos de proteção do património histórico material e imaterial da Europa, no apoio à digitalização dos setores cultural e criativo, na educação para a cultura, na cultura com fator de valorização da noção de cidadania e, claro, através de inúmeras iniciativas destinadas a valorizar o trabalho de todos os agentes envolvidos nestas áreas, dos artistas e intérpretes aos museus e galerias.

Este passo não irá resolver todos os problemas. A aposta via Horizonte Europa será mais eficaz se conjugada com outros instrumentos de financiamento. O Parlamento Europeu recomendou recentemente que pelo menos 2% dos planos de recuperação dos Estados membros sejam dirigidos para os setores cultural e criativo. O plano do Governo português, no entanto, não os identifica como uma prioridade. Mas este ainda vai a tempo de tomar algumas medidas para não desperdiçar esta grande oportunidade. Sociedades com mais cultura e criatividade fazem países melhores.

Eurodeputada



O Parlamento Europeu recomendou que pelo menos 2% dos planos de recuperação dos Estados membros sejam dirigidos para os setores cultural e criativo. O plano do Governo português, no entanto, não os identifica como uma prioridade.



Opinião

Jorge Costa Oliveira

Grandes empresas vs. empresas disruptivas

Devemos a Clayton Christensen, em *The Innovator's Dilemma*, ter elaborado a teoria da inovação disruptiva e as suas possibilidades para os negócios, na senda da “destruição criativa” referida por Joseph Schumpeter na década de 1940.

Cada vez mais empresas relevantes no tecido económico não são grandes, são disruptivas. Disruptivas em função de inovação, de tecnologia ou de outros fatores. Estas empresas disruptivas – Tesla, Uber, Deliveroo, Netflix, Airbnb, Facebook, Instagram, WhatsApp, Alibaba, Amazon, Virgin, Google, Tencent, DJI, etc. – alteraram decididamente a face do mundo. E dizer que são grandes é perder o foco do essencial; ao contrário de outras corporações que permaneceram grandes, estas tornaram-se grandes por terem sido originariamente disruptivas.

As grandes empresas só muito raramente são disruptivas (ex., a Apple no lançamento do iPhone) e nem inovadoras tendem a ser. A inovação não está no coração de uma grande corporação, que já o terá sido em etapas passadas do seu crescimento: tendo conquistado uma relevante quota de mercado, o seu foco não tende a ser direcionado para a criação de novas ideias, mas para garantir que as existentes estejam atualizadas.

Muitos nas nossas elites dirigentes e entidades decisoras e financeiras continuam a seguir a tese velha e gasta da “competitividade das grandes empresas”. É vero que as economias de escala permitem uma maior competitividade

teórica a grandes empresas. Mas a mudança disruptiva que é necessária não passa por elas.

Portugal teve a sorte de ter tido um governante que percebia quão relevante era criar condições para o florescimento de empresas inovadoras e disruptivas. Começando pelas que, com os modelos de economia digital mais disruptivos e escaláveis, têm a sua génese e crescimento no âmago da economia de partilha e de consumo colaborativo, indo até às empresas de *software*, *hardware*, de ciência, farmacêuticas e biotecnologia.

Que percebia que o *e-commerce*, a IA, a IoT, o M2M, a Nanotech, a impressão 3D, a rotulagem inteligente, a realidade aumentada, *blockchain*, veículos autónomos, robótica avançada, constituem tecnologias disruptivas no mesmo *time continuum* que fazem parte de uma quarta revolução digital em curso que se reflete nas relações e nos negócios.

Que assinalava que quase metade do novo emprego é criado por empresas com menos de cinco anos, sendo, muitas vezes, as que pagam mais. Que estas são as que apresentam modelos de negócio mais ambiciosos e disruptivos.

Ah, João Vasconcelos, a falta que tu nos fazes...

Precisamos de elites e dirigentes – aqui incluídos os dirigentes políticos – que apoiem empresas disruptivas, não mastodontes rentistas e ineficientes, que estejam atualizados, que tenham mundo, que leiam a realidade a partir dos factos e não de ideias preconcebidas, que não cedam à tentação de se rodear de *yes-men* e cortesãos, mas de especialistas independentes e, em se tratando de gestores da *res publica*, que na sua atuação sejam movidos pelo interesse público; e apenas por ele.

Quando as nossas elites e os nossos dirigentes escutavam o saudoso João Vasconcelos, vinham-me à memória os concertos dos Madredeus no Japão – a larga maioria dos ouvintes adorava a sonoridade, entusiasmava-se muito e batia palmas, mas nunca percebeu verdadeiramente o que ele dizia.



Precisamos de elites e dirigentes que apoiem empresas disruptivas, não mastodontes rentistas e ineficientes, que estejam atualizados, que tenham mundo.

Consultor financeiro e *business developer*
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira